

Ramirez, Janina (2025). *Femina – Uma Nova História da Idade Média Através das Mulheres Dela Omitidas*, trad. de Rita Carvalho. Lisboa: Casa das Letras, 532 pp., ISBN 978-989-581-1991.

No coração de um tema que várias disciplinas e áreas de estudo têm abraçado como uma prioridade não só para compreender melhor o passado, mas também para questionar e emendar o presente, *Uma Nova História da Idade Média Através das Mulheres Dela Omitidas* firma uma promessa aparentemente difícil de cumprir a solo.

Na verdade, num volume de mais de 400 páginas – acrescido de várias páginas de notas e de uma bibliografia final –, Janina Ramirez, licenciada e mestre em História de Arte, pela Universidade de Oxford, e apresentadora de programas culturais na BBC, anuncia no título da sua obra uma tarefa ingente: falar de mulheres ‘invisíveis’ (porque “omitidas”: eis a solução linguística encontrada para traduzir o phrasal verb *written out* usado no original) no período medieval, dando a entender que o seu contributo aportará novidades.

Organizado em 9 capítulos (“Motores de mudança e agitadoras”; “Decisoras; Guerreiras e líderes”; “Artistas e mecenas”; “Polímatas e cientistas”; “Espias e foras da lei”; “Reis e diplomatas”; “Empresárias e influenciadoras”; e, por fim, “Excepcionais e marginalizadas”), o livro traz a lume o perfil de figuras femininas da Baixa Idade Média e do seu entorno familiar, sociocultural e político – da Princesa de Loftus a Æthelflæd, filha de Alfredo, o Grande, à guerreira de Birka e das bordadeiras da “tapeçaria” de Bayeux, passando pela fugaz alusão a Esclarmonde, a cátara, até à mística Margery Kempe.

Quase tão ousada como incauta, a proposta da autora britânica parece, no entanto, soçobrar quando se folheiam as primeiras páginas do livro que um generoso tamanho de letra adensa: “Não estou a reescrever a história. Estou a usar os mesmos factos, números, eventos e provas a que sempre tivemos acesso, combinados com avanços e descobertas recentes” (p. 13). Aparenta ser movediço o chão que pisa, de combinação, todavia ainda é cedo para duvidar, pois às obras de divulgação sempre se concedem benignas ‘licenças poéticas’ e certos ardis maviolos de captação da atenção dos leitores, sobretudo tratando-se de uma autora que não teme dispersar-se ao calcorrear ambiciosos lapsos temporais, “desde as esculturas da antiguidade até à arquitetura pós-moderna” (informação contida na badana da obra).

Erigir pilares a partir de informações rarefeitas e lacunares foi um desafio aceite por vários historiadores ao longo de várias décadas, conscientes de que se moviam em áreas mal conhecidas, mas prenhes de revelações. No

âmbito da história das mulheres no ocidente, muito antes do florescimento dos estudos feministas, a safra foi acolhida por nomes grados como Régine Pernoud (que além do célebre livro *La Femme au temps des cathédrales*, saído em 1980, se ocupou de modo mais desenvolvido de Joana D'Arc, de Leonor de Aquitânia, de Heloísa ou de Hildegarda de Bingen), Georges Duby (*Dames du XIIe siècle*) e Michelle Perrot, coordenadores de uma obra em cinco volumes que se mantém ainda hoje como referência no panorama editorial (o volume sobre a Idade Média saiu em 1991) e que contou na versão portuguesa com a revisão científica de várias docentes da Universidade de Coimbra. Mas também se podiam concitar os esforços de Emilie Zum Brunn e de Georgete Epiney-Burgard que, após a saída de *Femmes troubadours de Dieu* (1988), escreveram a quatro mãos *Women Mystics in Medieval Europe* (1998). E, sob pena de mencionarmos apenas a tradição francófona, que Janina Ramirez coloca sob o total e inexplicável obliuio, devemos lembrar também que o tema aliciou Caroline Walker Bynum (*Jesus as Mother. Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*, 1984 e *Fragmentation and Redemption: Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*, 1992), Bonnie Anderson e Judith Zinsser (*A History of Their Own: Women in Europe from Prehistory to the Present*, 1988), Peter Dronke (autor de *Women writers of the Middle Ages* de 1984 e editor do *Epistolarium* de Santa Hildegarda para a Brepols) ou, mais próximo de nós, e apenas a título ilustrativo, Carmen Pallares Méndez, que procurou investigar os passos de Ilduara (1998), de Dona Urraca (2004) e das mulheres medievais na Galiza (2011). Escapando ao perímetro medievo, mas sob o signo do combate ao 'esquecimento' Manuel Fernández Álvarez lançou *Casadas, monjas, ramerías y brujas: la olvidada historia de la mujer española en el Renacimiento* (2005).

A inscrição, no parágrafo anterior, do nome de alguns investigadores de grande craveira que pensaram e investigaram o lugar da(s) mulher(es) na *media aetas* procura antecipar que, em face de tamanha tradição historiográfica, Janina Ramirez colocava o seu contributo numa fasquia alta. Mas, será que conseguiu deixar de lado a paixão pela apresentação de programas de televisão para se enfrontar pacientemente no que já se escrevera sobre mulheres na Idade Média? São inegáveis as competências comunicativas e a vivacidade performativa mobilizadas pela historiadora de arte nas conferências disponíveis no youtube, mas nivelar-se-ão os desvendamentos escritos por essa mesma bitola?

Na obra em apreço, enceta-se um movimento de vaivém entre o mundo medievo e a época contemporânea, a difícil condição feminina e a delicadíssima rede que envolve enigmas e problemas quase insolúveis, uma vez que a autora lembra que "reenquadrar as narrativas de modo a incluir as mulheres signifi[ca] muitas vezes situá-las em cenários maioritariamente dominados

por homens” (p. 119). E, de facto, ela vislumbra, não raras vezes, nos achados arqueológicos (moedas, joias, inscrições funerárias e ossadas) o catalisador dessa demanda, isto é, o descentramento do testemunho escrito dá azo a uma abordagem mais especulativa, de bifurcadas hipóteses. Provavelmente, na mente de Ramirez ganha corpo a preocupação de contar uma estória cativante em detrimento da perseguição rigorosa de elementos que promovam a anunciada “nova história”. Não admira, por isso, que, ao descrever a forma como o *Riesencodex*, alfobre de grande parte da obra de Hildegarda de Bingen, foi resgatado por Margarete Kühn e Caroline Walsh, no final dos anos 40, acredite estar perante “um thriller pós-guerra com um *twist* medieval” (p. 232).

O *twist* ou o ar retrô legitima-se como estratégia de *marketing* e se, em termos editoriais, atrair mais iniciados para a leitura ... tanto melhor. O senão reside, todavia, a nosso ver, no perigo de se cair numa tendência sensacionalista, de simplificação de conteúdos que, em favor de uma aproximação ao público e a causas sensíveis na contemporaneidade, se arrisca a ceder ao desvirtuamento anacrônico. De facto, à partida, a presença de Hildegarda (p. 231-284), objeto de estudo de primeira água há muitas décadas no âmbito da história e da filosofia, e com imensa projeção nos meios digitais, seria de estranhar. A que propósito comparece a teóloga de origem germânica, em número tão significativo de páginas numa *História* que visa restaurar capítulos esquecidos da história das mulheres?

Em formato televisivo, a dimensão criativa de Janina Ramirez pode ser bem-vinda e acicatar a curiosidade de alguns telespectadores. Não obstante, terá o livro o mesmo efeito de persecução de informações históricas fundamentadas? A divulgação goza de certas ‘licenças poéticas’, como já havia assinalado no início deste texto, porém a fantasia tem limites. A referência à *Summa Aurea* de Guillaume de Auxerre, na página 294, com vista à denúncia da “ligação entre ignorância e feminilidade” decorre de uma instrumentalização linguisticamente incompetente do tratado. Ao consultarmos um exemplar da *Summa* latina, não encontramos qualquer marcação de género no passo citado pela autora (Auxerre, Lib. III, 2, q.5, fol. 148). Em boa verdade, os asininos associados aos simples (e aos idiotas), por Guillaume de Auxerre, contemplariam metaforicamente homens e mulheres, sem que se verificasse uma penalização deliberada da figura feminina.

Uma análise apressada desinforma e acentua brechas sociais, mentais, religiosas... Janina Ramirez evidencia ter desatendido a advertência final do livro (“Cada um de nós faz parte da passagem da História, que está sempre a mudar. É da nossa responsabilidade pensar a maneira como queremos que ela seja registada e recordada.”), em favor de um desiderato

formulado poucas linhas antes: “precisamos de olhar para trás para compreender onde estamos agora e criar o futuro que queremos ver” (p. 437). A compreensão tem, sem dúvidas, um lugar cimeiro na História, já o ato de criação n’*Uma Nova História da Idade Média Através das Mulheres Dela Omitidas* pode embotar a seriedade do seu propósito científico.

MARISA DAS NEVES HENRIQUES

Universidade de Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa

marisaneves.henriques@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7268-0565>

